

REFORMA MINISTERIAL - MUDANÇA DE RÓTULOS

Nunca no Brasil um governo caiu de tão alto e tão rapidamente como o do sr. Getúlio Vargas, perante a opinião pública. Levado ao poder por um poderoso movimento popular, com grande predominância da massa trabalhadora das cidades e dos campos, o sr. Getúlio Vargas tinha condições para iniciar empreendimentos de grande envergadura. A sua volta a chefia do governo da nação representou uma oportunidade histórica excepcional para que ele se firmasse uma das grandes figuras políticas do nosso país e analisasse a sua administração como o início da revolução pacífica pela qual clama o Brasil. Para tanto, sobrevinham-lhe prestígio popular e força política. As mais ousadas realizações e reformas no plano econômico, administrativo e social poderiam ser iniciadas desde logo e ninguém, nem exército, nem imprensa, nem Parlamento teriam força ou mesmo coragem para se opor a isso.

Mas Getúlio logo mostrou ser aquilo que sempre fora, mesmo nos áureos tempos do Estado Novo, em que se apresentava como chefe onipotente, cheio de excelsas virtudes trombeteadas pelo Dip: um político conservador, viciado nos velhos truques e capoeiragens da política coronelista dos partidos burgueses, sem nenhum calor cívico e com muito menor identificação afetiva ou ideológica com aspirações, interesses e necessidades da massa trabalhadora do Brasil. No governo, cercou-se logo de figurões medíocres e serviu ao seu comando. Como norma de administração, pôs em prática o seu característico "deixa estar como está para ver como é que fica". Os impiedados malandros e negociantes que haviam proliferado em segredo durante o Estado Novo e que o governo Dutra mantivera em bom caldo de cultura, entraram a multiplicar-se novamente, com extraordinária virulência, atacando o organismo econômico do país. E o resultado é o que aí está: Decorridos dois anos e pouco de governo, Getúlio já está completamente desmoralizado, apontado por todos, desde os trabalhadores que o apontam como responsável pela brutal encarecimento do custo de vida, até os magnatas, que o apontam como responsável pela dramática crise econômica atual, apontado por pobres e ricos como um governo inepto e corrompido.

O sr. Getúlio Vargas, naturalmente, sente a desmoralização que o cerca. Doi-lhe a perda do seu prestígio político. Isso significa impossibilidade, para ele, de poder executar suas manobras muito do feito da política coronelista que já firmou tradição no Brasil. Por isso, tenta alguns pequenos golpes de efeito propagandístico.

A reforma ministerial recente parece ter apenas esse sentido. O sr. Getúlio Vargas quer dar a impressão de um movimento renovador, de uma "virada" política no sentido dos "ideais da revolução de 30". Por isso, põe no Ministério algumas figuras representativas do movimento de 1930 e acena com algumas possíveis modificações na orientação do seu governo.

Mas isso tudo não passará, a nosso ver, de mudança de rótulos para o material deteriorado de que se compõe o atual aparelho estatal. Nenhum dos problemas gritantes que aí estão a clamar por solução é abordado. Nenhum programa que represente, sequer remotamente, mudança real de orientação ou reforma capaz de reativar o país, pode ser vislumbrado na mudança do ministério.

Parce que com essa reforma do seu governo o sr. Getúlio conseguirá apenas arrastar para a completa desmoralização alguns homens que tinham sido pontapés à degradação política. E nós teremos de assistir ao melancólico fim político desses homens, que ficarão confundidos no charco em que vai se transformando o atual governo, até que, nas novas eleições presidenciais, o povo brasileiro passe a sua vassoura no país.

CONVENÇÃO NACIONAL

A Comissão Executiva de S. Paulo já programou os trabalhos da Convenção Nacional do Partido, a realizar-se nos dias 10, 11 e 12 do corrente.

A sessão solene de instalação da Convenção será realizada no auditório da Biblioteca Municipal, sexta-feira, dia 10, às 22 horas. A ordem dos trabalhos constará do dis-

curso de abertura pelo presidente do Partido, comp. João Mangabeira; da saudação aos convencionais, feita pelo comp. Alípio Corrêa Neto, presidente do Diretório Estadual de S. Paulo e de uma conferência, subordinada ao tema: "O Partido Socialista em face da crise econômica, política e social do país".

Folha Socialista

Director Responsável:
Antonio Costa Correia
Gerente:
Hozair Melo Marcondes

ANO V 5 de Julho de 1953 N.º 3
EDITADO PELA COMISSÃO ESTADUAL DE SÃO PAULO DO
PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO

Redação e Administração:
Rua João Adolfo, 118
4.º Andar
SÃO PAULO - BRASIL

Por uma solução democrática e Popular da crise econômica, política e social do país

Tese apresentada pelo comp. Febus Gikovate, secretário geral da Comissão Executiva estadual de S. Paulo, à Convenção Nacional do Partido Socialista Brasileiro, a reunir-se em S. Paulo a 10, 11 e 12 de Julho

a situação calamitosa é patente. Enquanto em 1949 o acréscimo foi de 8,8%, em 1950 e 1951 foi apenas de 1,7 e 1,9 respectivamente. (Continua no 6.º pag.)

Homenagem à Memória de Piccarolo

A história do socialismo no Brasil está ligada à vida de Antonio Piccarolo, que entre outros grandes méritos, se notabilizou por "haver dedicado ao estudo e à propaganda do socialismo os melhores anos de sua existência", como ele mesmo escrevia, em dezembro de 1932.

Piccarolo faleceu há seis anos, em Santo Amaro, onde residia durante cerca de trinta anos. Seu notável figura de intelectual, de professor, de humanista e de batalhador dos ideais socialistas criou largos círculos de admiradores, no Brasil e no exterior. Seu desaparecimento é sentido hoje como uma grande perda não só para o socialismo, mas também para a intelectualidade brasileira.

A crise econômica, política e social

O país está atravessando uma crise econômica, política e social sem precedentes na nossa história.

A crise econômica se caracteriza pelo estrangulamento do desenvolvimento industrial, condicionado pelo déficit catastrófico de energia elétrica e pela falta de divisas para importação de maquinária e matérias primas.

A crise de energia elétrica tem as suas raízes no fato de se encontrar em mãos de empresas imperialistas a quase totalidade da energia elétrica produzida. 83% do total se acham nas mãos da Brazilian Traction, Light & Power Co. e outros grupos ligados à Bond & Share. Essas companhias, que visam exclusivamente o máximo lucro possível, não se mostram interessadas em fazer novos investimentos de capital para ampliação das instalações, que viriam diminuir a atual taxa de lucro. As classes dominantes e os governos, cujos interesses egoístas coincidem, muitas vezes, com o capital imperialista com o qual se associam para explorar o povo, não deram prova alguma de suas intenções de pôr cõbros à situação atual.

No setor da indústria têxtil, a mais importante do país,



Foi ele um pioneiro do socialismo no Brasil, publicando, já em 1908, em São Paulo, um "Esboço de Programa de Ação Socialista", seguido de inúmeros outros trabalhos.

Em agosto próximo serão promovidas várias homenagens em sua memória, pela Faculdade de Filosofia e pela Faculdade de Sociologia e Política, das quais foi um dos fundadores e professor durante vários anos.

O Partido Socialista Brasileiro, pelo seu diretório de Santo Amaro, participará dessas homenagens, como testemunho de admiração e saudade dos seus militantes pela grande figura de Antonio Piccarolo.

No próximo dia 9 de julho, às 19,45, como antecipação dessas homenagens, se fará à Avenida João Dias n.º 1.141, em Santo Amaro, a inauguração da biblioteca doada pela viúva do Professor Piccarolo ao Partido Socialista e que este franqueará ao público. Em seguida, será inaugurado, no sede do Diretório de Santo Amaro, à Avenida Adolfo Pinheiro n.º 35, um retrato do Professor Piccarolo.

Em Marcha para a Convenção Nacional do Partido Socialista

Karl Marx e a Internacional Socialista

NO SEPTUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE

JULIUS BRAUNTHAL

Secretário da Internacional Socialista

Comemorando o septuagésimo aniversário da morte de Karl Marx, prestamos homenagem ao fundador da Internacional Socialista. Foi ele o primeiro socialista que concebeu a idéia de uma internacional de trabalhadores. Já em 1848, 16 anos antes da sua realização, em seu poderoso "Manifesto Comunista", fez um apelo aos trabalhadores de todos os países para que se unissem em uma fraternidade mundial na sua luta comum pela abolição da riqueza, da exploração e da opressão. Quando, por iniciativa dos líderes sindicais ingleses e franceses, a Internacional — Associação Internacional dos Trabalhadores — foi fundada em 1864, Karl Marx foi escolhido para redigir os seus estatutos e o seu programa, incorporado ao seu célebre "Apelo Inaugural", e foi eleito seu secretário.

Em 1864, o movimento das classes trabalhadoras estava ainda na infância e seu aspecto teórico era bastante confuso. Nessa época a maior parte das escolas de pensamento socialista — os adeptos de Proudhon, bem como os de Bakunin — repeliam inteiramente o Estado como instituição odiosa e coercitiva. Proudhon pregava a necessidade da defesa através de associações cooperativas; Bakunin, a concepção do anarquismo. Somente os Cartistas ingleses, cujo movimento havia desaparecido em 1848, e mais tarde Lassalle, na Alemanha, compreenderam a significação do Estado como instrumento de transformação da sociedade.

Em seu "Apelo Inaugural", Marx reconheceu plenamente a importância dos sindicatos e do movimento cooperativo. Mas sustentou que nenhum desses movimentos, isolados, era um instrumento apropriado para a consecução da "Grande Finalidade" das classes trabalhadoras, que deveria ser, como declarou no Prêmbulo dos Estatutos, "a emancipação econômica das classes trabalhadoras", porque, como declarou, "a sujeição econômica dos trabalhadores por aqueles que monopolizam os meios de produção — os recursos da vida — está nos fundamentos da servidão em todas as suas formas, de toda miséria social, degradação mental e dependência política".

Para atingir a "Grande Finalidade", a classe trabalhadora não devia ficar alheia ao Estado, mas lutar politicamente para conquistá-lo e usar o poder do Estado como instrumento da sua libertação. Marx rejeitou igualmente o argumento de Bakunin pela destruição do Estado e suas preceções anarquistas de revolução a qualquer preço. Revoluções, afirmava Marx, não podem ser "feitas" por ordem de propagandistas, mas devem originar-se de "situações revolucionárias". Seu fim não deve ser a anarquia, mas a organização da sociedade sem classes, num processo no qual o Estado, como presunha, "de-

Nesta disputa com os anarquistas, a Primeira Internacional chegou a uma crise. Quando pareceu, em 1872, que os adeptos de Bakunin poderiam dominar a Internacional, Marx preferiu dissolvê-la a permitir que fosse empregada em aventuras revolucionárias destinadas no fracasso, aumentando a miséria e a opressão dos trabalhadores.

Marx não presenciou a reorganização da Internacional, que se deu seis anos após a sua morte. Mas a sua concepção dos métodos e fins da Internacional triunfou sobre a dos anarquistas e a dos "Socialistas" de Proudhon. A Segunda Internacional rejeitou o anarquismo, de acordo com as posições de Marx e aceitou sua tese, da necessidade das classes trabalhadoras lutarem pelo poder estatal como instrumento de transformação da sociedade. Adotou também como finalidade a emancipação econômica das classes trabalhadoras. Estas concepções foram confirmadas pelo Partido Trabalhista Inglês e pela Internacional Socialista entre as duas guerras mundiais e foram adotadas como norma na Internacional, renascida no Congresso de Frankfurt, em 1951.

Mas a contribuição de Marx para o socialismo foi ainda maior. Foi sua a visão de uma sociedade baseada na justiça social, que incluiu na sua própria estrutura os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Idéias semelhantes foram registradas por pensadores através das idades. Mas a visão de Marx da sociedade socialista difere fundamentalmente da visão dos utopistas. A sua não é meramente o fruto de imaginação arrojada, como a visão utópica do socialismo, mas a visão interior da sociedade humana, derivada de uma análise da natureza do capitalismo. Marx compreendeu que a idéia socialista poderia tornar-se realidade somente quando o desenvolvimento da técnica de produção atingisse um grau de perfeição que permitisse a todos utilizar plenamente os recursos econômicos, criando assim condições para a abolição da pobreza e a conquista da sociedade sem classes. Estes métodos de produção foram desenvolvidos pelo capitalismo.

Os utopistas esperavam a realização dos seus fins, não pelas forças econômicas e sociais, mas pelo triunfo da razão. Não olhavam as classes trabalhadoras como instrumento de modificação social, mas aguardavam a realização dos seus ideais, como Platão, dos legisladores, ou como Saint Simon, dos milionários, ou como Robert Owen, de industriais adiantados; em resumo, não viam a posse do poder de homens na posse do poder político e econômico. Os utopistas estavam, como Marx, concientes da divisão da sociedade em classes, que todos eles reconheciam como a fonte principal da miséria social. Eles conheceram a luta de classes. Mas mesmo no começo da era do capitalismo mo-

derno não compreenderam sua significação histórica.

Marx não descobriu que sociedades baseadas na propriedade privada eram sociedades de classes, nem iniciou a luta de classe. Sua contribuição à sociologia é a sua teoria de que o caráter histórico e as funções sociais da luta de classe são determinadas pelos métodos de produção.

Nisto é que a maior capacidade de percepção de Marx diferiu da dos utopistas. Mostrou que o método capitalista de produção criou duas novas classes sociais: a classe média e o proletariado industrial. Mostrou ainda, como a luta da classe média contra o feudalismo transformou o sistema legal e as relações feudais em propriedade e as substituiu pela estrutura capitalista da sociedade. E, finalmente, mostrou como a própria lei do capitalismo, a concentração do capital e da indústria, cria as condições para a socialização dos meios de produção e para a sociedade Socialista.

Marx presumiu que o movimento das classes trabalhadoras — "o movimento independente da imensa maioria em benefício dos interesses da imensa maioria" — conquistaria o poder do Estado e transferiria os meios de produção, concentrados em mãos particulares, para a propriedade comum. Porque Marx acreditava que a propriedade comum das fontes de riqueza era a condição indispensável para a abolição da pobreza, o fim da divisão da sociedade em classes e o estabelecimento do "Reino da Liberdade". Somente então, pensava Marx, a humanidade poderia assenhorar-se do seu destino e a sociedade se tornaria uma comunidade na qual "o livre desenvolvimento de cada homem é a condição para o livre desenvolvimento de todos". Somente então, livre da maldição da pobreza e da dependência, pode o homem conquistar plena liberdade.

O âmago do pensamento de Marx era a idéia de que o mundo, pela primeira vez na história da humanidade, criaria as condições que tornam possível a sociedade sem classes e a abundância para todos, e que o desenvolvimento do capitalismo leva inevitavelmente ao socialismo.

É possível, sem dúvida, mostrar que Marx errou em algumas das suas concepções e que os processos sociais eram mais complexos do que ele avaliava há duas gerações. Seus erros eram parcialmente devidos ao seu espírito apaixonado. Ele era um sábio e um lutador, um revolucionário no pensamento e na ação, uma personalidade que buscava a realização da unidade da teoria e da prática. Era impulsionado não somente pelo desejo de interpretar o mundo, mas também de modificá-lo. Esperava impacientemente a possibilidade de concretizar os ideais que concebera no domínio da realidade social. Em consequência, concebia frequentemente processos de desenvolvimento, muito esquematizados: por

O FIM DO "CULTO DOS HEROIS" NA URSS

Sintoma expressivo de possíveis alterações da política russa, após a morte de Stalin, é o dos editoriais publicados nos jornais soviéticos sobre a necessidade de se pôr fim ao "culto dos heróis". Em outras palavras, isso quer dizer que é preciso acabar com essa história de apontar Stalin como figura genial da humanidade, como glorioso chefe do proletariado mundial, cérebro da revolução e outras boboseiras que até ontem enchiam os colunas dos jornais comunistas de todo o mundo. Parece que, sendo o poder político repartido, agora, entre três "homens fortes" na União Soviética, sentem os dirigentes russos a necessidade de demolir o mito do chefe único, para fortalecer os mitos do Partido e do Estado, representados por Malenkov, Béria e Malotof.

Difícil é prever até que ponto essa tentativa de demolir o "culto dos heróis" dará resultado dentro dos limites comunistas e até onde ela poderá causar alterações salutaras nos meios influenciados pelo stalinismo. Toda ditadura depende muito do prestígio pessoal dos seus chefes. Mas na URSS não é difícil transferir o prestígio dos chefes para outros ídolos impositivos.

O comunismo há muito se transformou em idolatria vulgar em torno de chefes onipotentes. Aconteceu o mesmo que a muitas religiões, que perderam seu conteúdo, suas re-

exemplo, subestimou as forças do nacionalismo.

Apesar disso, os erros de Marx não diminuiriam a sua estatura. Ele é um dos poucos homens cujo pensamento moldou o espírito de seus semelhantes. Influenciou profundamente a pesquisa histórica, a sociologia e o estudo da economia. Mas não contribuiu somente para a ciência social. Inspirou os movimentos da nascente Social Democracia, na Alemanha. Suas concepções formaram a ideologia das revoluções russa e chinesa e os movimentos socialistas na Índia, Burma, Indonésia, Ceilão e Japão.

Nós socialistas, nada temos em comum com a fantasia stalinista do Marxismo, que subverte a sua verdadeira significação, que transforma sua grande concepção de liberdade em uma teoria destinada a justificar o despotismo e que falsifica a ideologia revolucionária de Marx, em uma ideologia da mais terrível contra-revolução que jamais ameaçou o progresso intelectual e social da humanidade.

A grande idéia que guia Marx e da qual seu trabalho está embebido é a idéia da liberdade. Ele foi talvez o maior filósofo da liberdade, porque definiu as condições econômicas e sociais da liberdade do homem. Ele atribuiu à idéia de liberdade uma nova significação mais profunda. Ele enriqueceu a herança da humanidade. Inoculou no coração de milhões um novo idealismo. Seu ódio à exploração, à opressão e à degradação do ser humano nasceu do seu profundo sentimento de justiça. Acima de tudo, ele inspirou aos deserdados uma visão que lhes deu nova finalidade na vida.

lações com determinada conjuntura social e seu sentido de expressão de aspirações humanas, para ficarem reduzidos a amontoados de mitos e fórmulas litúrgicas. O Partido Comunista é hoje, para o seu membro militante, uma espécie de sucedâneo para a religião, como que uma válvula para o misticismo inato em todo angustiado ou desajustado. Sofre de tremenda necessidade psicológica de mitos e chefes. Por isso, toda substituição de mitos é perigosa para ele, e toda substituição de chefes lhe acarreta o risco de traumatismos psicológicos. A tentativa de demolição da idolatria, tanto tempo alimentada, em torno da figura de Stalin, traz o germe de convulsões no espírito de milhares de stalinistas sinceros.

Mas é certo, também, que o stalinismo, como toda religião esvaziada de seu conteúdo humanista, desenvolveu, em alto grau, entre seus aderentes, resiliências psicológicas contra o crítico racional e o exame objetivo das fatos. É uma espécie de auto-defesa sua, que o leva a apoiar-se cada vez mais na mobilização emotiva da massa dos seus simpatizantes e militantes, através de rituais, slogans e artifícios de propaganda e a evitar a dúvida que naturalmente se contém em qualquer pesquisa intelectual ou em qualquer esforço crítico da inteligência humana. Os comunistas são cada vez mais educados no sentido de putarem sua conduta por altitudes emocionais extremadas — dóio e amor, rebeldia e servilismo, pureza e degradação. Ódio mortal para os inimigos da sua seita, das seus mitos. Amor extremo para os seus ídolos. Rebeldia ousoada, levada até os sacrifícios absurdos, na conquista de objetivos apontados como revolucionários. Servilismo que atinge os extremos da abjeção, no comportamento para com os chefes. Respeito sagrado por uma moral de grupo fechada no comportamento partidário, e cinismo nas relações humanas, no meio social. Por isso, difícil é prever que rumos e consequências terão tentativas como essa, levada a efeito pelos chefes soviéticos atuais, de destruir ídolos que até hoje pautaram essa espécie de mobilização emotiva que é um dos fatores da combatividade dos Partidos comunistas. Se uma tentativa dessas não acarretar abalo algum na estrutura psicológica dos militantes comunistas, nada de importante sucederá e novos ídolos e mitos passarão a ser objetivo de veneração e devoção, em pouco tempo. Mas, se algum abalo for causado, isso poderá ser o ponto de partida para a desagregação de todo sistema stalinista, a brecha inicial por onde poderá penetrar uma torrente renovadora de espírito crítico, capaz de levar a uma verdadeira revolução democrática no campo comunista.

Ai está um aspecto curioso do stalinismo, uma das suas muitas contradições. Sua força é ao mesmo tempo sua fraqueza. Sua estrutura monolítica tem sempre presente o risco de transformar-se uma pequena brecha em abalo de todo sistema.

Aguardemos, pois, o desenvolvimento da tentativa de demolição do mito Stalin.

Antonio Costa Corrêa

Resistência Socialista contra a opressão de Franco, apelo aos Jornalistas de todos os países

(Carta enviada à Internacional Socialista, pelo movimento Socialista subterrâneo da Catalunha)

A Internacional Socialista e a opinião democrática mundial estão bem informados da nova onda de opressão na Espanha de Franco, que está sendo dirigida contra todos os grupos socialistas organizados. Este relatório deseja chamar a atenção para a situação dos socialistas da Catalunha que foram aprisionados e em particular para o plano de ação cuja realização sugerem. Este plano tem o inteiro apoio do nosso Comitê Executivo do Movimento Socialista Catalão, formado depois da prisão dos membros do Comitê anterior.

O propósito principal deste plano é estender a luta contra Franco. Consiste em centralizar a ação em torno das recentes prisões de socialistas e sindicalistas livres e visa trazer à discussão os dilemas do regime de Franco que se originam nas suas próprias vitórias no campo internacional, tais como a volta dos embaixadores estrangeiros à Espanha, negociações com os EE. UU., ou a admissão da Espanha na UNESCO.

Sabemos que não é bastante condenar o regime de Franco em princípio. Isto nunca foi suficiente para acarretar a queda de Franco. Temos consciência do fato de que a parte principal desta luta deve ser executada por nós, os socialistas residentes na Espanha.

Ao mesmo tempo estamos convencidos de que a nossa luta é da maior importância para todos os socialistas e todos os democratas que se acham fora da Espanha, e apelamos para eles afim de que continuem a nos auxiliar agindo no plano internacional.

Considerando a presente situação sugerimos que a ação se desenvolva de acordo com as seguintes diretrizes:

Primeiro — Deve haver tanta propaganda quanto possível em todos os países democráticos a respeito da tirania de Franco e devem ser feitos protestos contra a prisão de socialistas e de sindicalistas livres. Há forças dentro da Espanha que se acham cada vez mais em oposição ao regime de Franco — dignitários da Igreja, p. ex., altos oficiais do exército, ou membros das classes médias superiores que se tornam cada vez mais sensíveis às reações internacionais contra o regime de terror de Franco. A própria polícia de Barcelona foi influenciada por essas reações, de acordo com relatórios que de lá recebemos.

Em relação a isso, agradecemos aos vários partidos da Internacional Socialista por tudo que fizeram no passado para levantar a opinião pública, e pedimos a eles que continuem seus esforços no futuro.

Segundo — Nossos camaradas presos acham que devem admitir publicamente haverem promovido uma organização regional como parte de um centro sindical (U.G.T.) ligado à Confederação Internacional dos Sindicatos Livres, e também um Partido Socialista democrático — o Movimento Socialista da Catalunha — que proclama a sua adesão aos princípios da Internacional Socialista.

Nossos camaradas estão preparados para as consequências de tal confissão pública e algumas pessoas que ainda não foram presas estão prontas a proclamar sua solidariedade a eles no interesse da luta pelas liberdades democráticas que somente o desaparecimento do regime de Franco pode assegurar ao povo espanhol.

Talvez seja possível, em cooperação com outras forças ilegais na Catalunha (os Democratas Cristãos e os monarquistas, p. ex.), transformar o julgamento contra os socialistas e sindicalistas livres em julgamento do próprio regime totalitário — um regime que no momento presente necessita estabelecer contacto mais estreito com os países democráticos do Ocidente.

Contudo, duas condições devem ser preenchidas para que esta tentativa tenha o máximo efeito. Primeiro, o julgamento deve ser perante um tribunal civil, e segundo, as audiências devem ser públicas e assistidas por uma delegação de juristas estrangeiros.

Apelamos para os nossos amigos fora da Espanha para que nos auxiliem e confiamos em que compreenderão a importância da nossa empresa.

A pressão da opinião pública internacional pode ser de grande auxílio para nós, tentando evitar que nossos camaradas permaneçam presos indefinidamente sem ser levados a julgamento. Se o regime de Franco, em seu presente esforço para melhorar suas relações internacionais, cede e põe em liberdade os socialistas — mesmo liberdade "provisória" — sem julgá-los, isso representaria uma vitória que elevaria o moral de todos os nossos camaradas, aumentaria suas atividades e enfraqueceria um regime baseado na opressão.

Se o governo não ceder e o julgamento se realizar, denunciaremos o caráter totalitário do regime. Isso causará dificuldades à ditadura, maiores que as causadas por uma declaração meramente teórica.

A nova situação internacional, que as recentes atitudes soviéticas provavelmente criarão, podem também ter repercussão na posição de Franco. Se esta situação se desenvolver mais, o regime de Franco pode, mais uma vez, achar-se isolado internacionalmente. Nesse caso poderia tornar-se mais repressivo, como em 1944, e nossos camaradas estariam em grande perigo. Mas acreditamos que as condições internas

tenham mudado desde então. A dissociação do regime, de alguns daqueles que o sustentaram — grupos de Igreja, o exército e as classes médias superiores — está sendo acelerada pela nossa luta incansável pelas liberdades democráticas, luta que a prisão dos nossos camaradas nos força a continuar e a intensificar. Estamos prontos a fazer tudo ao nosso alcance para terminar esta luta com êxito e agradecemos aos camaradas e amigos no estrangeiro, por seu apoio moral, que nos auxiliará a ganhar nossas batalhas.

Uma palavra, em conclusão, a respeito dos socialistas presentemente aprisionados em Barcelona.

Doze de nossos camaradas estão presos há seis semanas (até 8 de abril), sem ter visto um juiz ou um advogado e sem mesmo saber quais as acusações contra eles. Estão para ser examinados pelo Juiz Militar incumbido dos crimes de "Espionagem e Comunismo", mas podem ter de esperar um longo período.

Como de costume, medidas de discriminação econômica foram aplicadas às famílias dos presos. Estão as famílias sujeitas a supervisão da polícia e têm a maior dificuldade em obter permissão para visitar seus parentes presos.



O PARTIDO SOCIALISTA EM SUMARÉ

No dia 14 do corrente seguiram para Sumaré os comp. Febus Gikovate, Plínio Gomes de Melo e Hozair Mota Marcondes. Em Campinas incorporaram-se à caravana vários membros do Diretório Municipal local, entre eles os comp. Luis Rocatto, Syllas Camargo e João Siqueira. Em Sumaré foram recebidos pelo Diretoria Distrital e por numerosos militantes e simpatizantes do Partido Socialista.

O comp. Febus Gikovate realizou uma palestra sobre "A política do Partido Socialista em face da atual crise econômica e política do País".

Terminada a palestra o comp. Gikovate teve a oportunidade de, respondendo a uma pergunta, expor a posição do Partido em face da contraversão entre unidade e pluralidade sindical.

O comp. Hozair Mota Marcondes expôs a posição do Partido, favorável às autonomias locais e contou os comp. presentes a participar ativamente na campanha pela autonomia de Sumaré e enviar todos os esforços no sentido de eleger em Sumaré o primeiro prefeito socialista do Estado de S. Paulo.

VANDALOS PERONISTAS EM AÇÃO

(Relatório dos socialistas argentinos exilados, sobre a destruição da sede do seu Partido e da sua valiosa biblioteca em Buenos Aires).

Os recentes incidentes de Buenos Aires resultaram dos acontecimentos durante o discurso do general Peron na Praça de Maio. A destruição completa da Casa del Pueblo, não foi mais do que o ponto culminante da campanha contra o Partido Socialista, que durou pelo menos dez dias.

A Casa del Pueblo está situada na rua Rivadavia 2150, a 300 metros do Congresso e a 900 metros do Corpo de Bombeiros e do quartel da Polícia. Foi construída em 1927, com auxílio de contribuições voluntárias, e membros e amigos do Partido Socialista continuaram a dar apoio financeiro para a sua conclusão.

Era um grande edifício do três andares com um porão amplo. No primeiro andar estavam a biblioteca, a administração e os escritórios de "La Vanguardia". Uma coleção completa deste jornal — fundado por Juan B. Justo a 7 de abril de 1894 — encontrava-se em seus arquivos. Neles havia também precioso material sobre o movimento fascista argentino, desde o seu início.

No espaço vestibulo uma pintura célebre do artista argentino Quinquela Martín e bustos de Juan B. Justo e Giacomo Matteotti.

A Biblioteca "Juan B. Justo", fundada em 1897, foi negada pelo governo Peron o auxílio concedido a instituições educacionais similares. Era uma das mais importantes bibliotecas do país, compreendendo 60.000 volumes, entre os quais as bibliotecas particulares de Juan B. Justo, Alejandro Castineiras, Silvio R. Puggeri Senillosa, Zamboni e outros — muitas obras esgotadas. Estudantes de toda a Argentina utilizavam a Biblioteca "Juan B. Justo" nos seus estudos políticos e sociais durante mais de 50 anos.

Pela destruição desenfreada desta valiosa biblioteca, três coleções completas de "La Vanguardia" — o registro de mais de meio século de história social da Argentina — foram perdidas. A única edição existente de "El Artesano", fundado por um discípulo de Fourier, foi também destruída. O mesmo sucedeu às coleções famosas de jornais como "Nosotros", "Caras y Caretas", "P. T. B.", "El Monitor de la Educacion Comun", (fundado por Sarmiento), bem como periódicos estrangeiros como "Revista de Occidente" e "Critica Sociale", e os relatórios oficiais de ambas as Casas do Parlamento, completos desde o início dos seus trabalhos.

Foram também afetados pela destruição as salas do Executivo do Parlamento Socialista no segundo andar, seus arquivos, os escritórios das Mulheres Socialistas, da Juventude Socialista e do comitê Nacional dos Sindicatos.

"La Vanguardia" durante os 50 anos da sua existência, foi fechada em muitas ocasiões, mas sempre reapareceu. Sob a ditadura peronista sofreu a perseguição mais cruel de todas — sendo forçada finalmente a suspender sua publicação a 27 de agosto de 1947.

SOCIALISMO DO NOSSO TEMPO (*)

Ernest Wigfors

Socialismo não é uma utopia no sentido de um projeto para a futura ordem social, nem uma ciência no sentido entendido pelos marxistas. Queremos dizer por socialismo, uma sociedade na qual certos valores são completamente aproveitados quando comparados a uma sociedade ou regime burguês ou capitalista. Mas, o característico exato da sociedade socialista não pode ser determinado de uma vez por todas. Precisamos começar dos erros sociais existentes e procurar formas e meios de abolí-los.

Para nós o socialismo não é uma forma particular de organização econômica, antes porém uma série de linhas que nos orientam para uma reforma da sociedade e não só, é claro, de suas instituições econômicas. Acreditamos que isto seja a forma mais simples e natural de atacar o problema, mais do que planejar direções ou indicações para as sociedades do futuro; ou construir teorias sobre o inevitável desenvolvimento social baseado nas condições materiais ou na natureza humana. Socialismo como deve ser compreendido dentro do esquema social democrático atual repousa na convicção de que é possível libertar a sociedade das suas cadeias presentes. Isto não significa que o assunto seja fácil, ou que devam ignorar o que tanto utopistas como marxistas nos podem ensinar.

Não precisamos discutir as formas extremas da teoria marxista, que ensina que o capitalismo por si mesmo produz as condições que fazem da transformação socialista uma necessidade econômica e psicológica. Mas devemos lembrar que algumas previsões relativas às principais tendências do desenvolvimento social previsto no manifesto comunista há uma centena de anos atrás eram surpreendentemente precisas.

Temos visto sem dúvida um desenvolvimento técnico e econômico que criou uma nova classe social — os trabalhadores, ou melhor os operários, cuja influência sobre a vida econômica, política e social tem aumentado firmemente. Podemos estar em desacordo com relação ao nome a ser dado à sociedade sobre a qual esta nova classe está deixando suas impressões mas a geração precedente da classe média do povo certamente teria reclamado acerca do seu caráter socialista. Contudo, uma coisa é admitir-se que certas profecias têm sido cumpridas e outra coisa afirma-se um desenvolvimento inevitável. Há então, na teoria marxista alguma coisa de inevitável desenvolvimento social que a moderna democracia social ainda sustenta? Para responder esta questão devemos nos aprofundar um pouco mais nas divergências teóricas.

ESTA O SOCIALISMO BASEADO SOBRE O "FATALISMO HISTÓRICO" ?

O que é chamado de "historicismo" ou "fatalismo histórico", pode significar coisas diferentes. Há a teoria de que as

forças sociais se dirigem para uma certa direção, orientam-se para novas condições, as quais são imprevisíveis talvez nem mesmo destinadas pelo povo, e às quais está incapaz de resistir. Certas crenças religiosas no plano divino da salvação são exemplos de tais fatalismos. A teoria de Hegel a respeito da realização dos ideais na história é outro exemplo, e mais recentemente a crença na inevitabilidade do progresso no universo como um todo e especialmente no desenvolvimento da humanidade. Esta última achou sua expressão particular no liberalismo econômico o qual proclamou que o mais alto padrão de bem estar seria atingido em cada indivíduo na conquista de seus próprios interesses. O marxismo pode ser considerado uma expressão da mesma corrente de pensamento ainda que seus pensamentos e suas idéias de progresso não repousam sobre um processo gradual e contínuo, mas sobre uma série de mudanças revolucionárias. O revisionismo marxista, é evidente, compartilha da crença no progresso gradual.

Um ponto particular no marxismo não deve ser ignorado — a importância dada à ação da consciência do homem. As forças da história não são forças cegas, varrendo a terra, com o homem permanecendo inativo. O socialismo não é imaginado como um ladrão que chega à noite sem que ninguém o espere. Pelo contrário, os movimentos das classes revolucionárias o antevêm, preparam e sustentam sua chegada. Neste ponto, onde os motivos conscientes para a ação do movimento do trabalhador são trazidos resumidos dentro do quadro, o marxismo encara um problema difícil. A questão se propõe em termos de porque os trabalhadores não se esforçam pelo socialismo numa das formas adotadas pelos socialistas utópicos? Porque realmente deveriam eles adotar aquela forma prescrita pelas "tendências históricas"? É uma questão que cabe discutir, uma vez que a idéia de forças cegas plasmando o destino do homem tem sido rejeitada e o homem, o homem socialista, é introduzido como um elemento necessário no processo.

Indubitavelmente, o marxismo ainda se agarra a um tipo especial de historicismo. Ele parte do fato que o homem deve aceitar a tendência de desenvolvimento predominante na sociedade. Supõe que o movimento trabalhista socialista precisa adaptar-se ao desenvolvimento técnico e econômico geral produzido pelas forças da história. A identificação do socialismo e da socialização é devida a esta hipótese. A crença nesta parte da teoria marxista foi solapada pelos acontecimentos subsequentes que não precisam ser discutidos aqui. O que mais nos interessa é a questão de quanto esta teoria deveria ser ou tem sido mantida.

Nós justificamos as necessidades de uma transformação socialista nas bases de que a liberdade, igualdade e comunidade são dignos de luta. Creemos também que estamos habilitados a escolher entre cursos

diferentes de ação. Não é portanto simplesmente uma questão de grau em que as nossas atividades são dependentes de desenvolvimento econômico ou técnico, supondo que tais desenvolvimentos estão fora da influência consciente?

Esta questão nasceu porque é certo, ou pelo menos muito provável que alguns valores com que os socialistas estão ligados seriam mais facilmente considerados se a estrutura econômica da sociedade fosse muito diferente da que resulta dos desenvolvimentos técnicos modernos.

Parece claro que o desejo de liberdade do homem, influência, responsabilidade e comunidade podem encontrar expressão mais ampla na cooperação de pequenos grupos do que nas organizações gigantes da nossa idade técnica moderna.

Este tem sido por muito tempo um problema palpitante — se somente por causa da perda de liberdade abrangida na construção de um estado centralizado, este pode ser usado como argumento contra o socialismo. De fato, não é mais do que um aspecto de um problema mais amplo. A produção em massa que elimina o especialista independente; empreendimentos em grande escala que são totalmente controlados do centro, grandes combinações industriais que permitem a seus membros somente uma influência extremamente menor, e por último e não de menor importância, a máquina da democracia representativa política moderna — todos ilustram como o homem adaptou-se a um desenvolvimento chamado técnico, sem muita reflexão, ou, pelo menos, na convicção do inevitável.

Para o marxismo, o desenvolvimento no capitalismo em direção a grandes empreendimentos não apresenta problemas uma vez que ele vê no desenvolvimento as condições para a conversão ao socialismo, e aceita com aprovação o que considera em qualquer caso uma necessidade histórica.

Ainda a questão das liberdades e a necessidade no desenvolvimento social não termina aí. Uma afirmação feita por Frederick Engels que é constantemente repetida apresenta a imagem do fim da dependência do homem das forças históricas cegas, após a queda do mercado econômico capitalista, quando os meios de produção forem dominados pela sociedade e a anarquia na produção for substituída por uma organização sistematicamente planejada. Isto é o que Engels escreveu: —

"Só então o homem poderá fazer sua própria história conscientemente. Só então as forças sociais que ele põe em ação produzirão também, predominantemente e de forma sempre crescentes, os efeitos que ele pretende. Isto seria o puto da humanidade do domínio da necessidade para o domínio da liberdade".

Deveria haver uma conexão entre esta idéia e as previsões marxistas de uma sociedade na qual o poder do Estado declina e eventualmente o marre. O socialismo do Estado imaginado pelas teorias marxistas como um dos fins imediatos da ação

revolucionária dos operários, poderia entretanto, de forma conceitual dar origem a outras formas de organizações econômicas. Isto poderia acontecer não sob as "influências inevitáveis das forças naturais de produção", mas por causa do "desejo próprio de liberdade". Nossa excursão dentro da teoria social marxista mostrou que o problema que se apresentou a si própria depois da revolução marxista é essencialmente o mesmo com que os reformistas socialistas se defrontam na sua intenção de mudar o sistema capitalista.

Os aspectos da teoria marxista aos quais nos referimos como palpáveis com a idéia da sociedade que, "depois da revolução", abandona as técnicas das empresas em grande escala e organiza a produção em unidades menores, dando assim um objetivo mais amplo à liberdade nas suas várias formas. Uma comunidade democrática tal como a nossa deveria fazer o mesmo. Há, naturalmente, objeções a tais decisões. Do ponto de vista de grandes empreendimentos tornam uma maior produtividade possível, forma-se ela um competidor formidável. Mas, uma sociedade que deseja aceitar padrões mais baixos de vida pela causa da satisfação das outras necessidades humanas, deveria produzir o desenvolvimento de empresas em grande escala dentro de suas fronteiras e proteger-se contra a competição estrangeira.

Onde a superioridade da competição estrangeira não é tão grande, é costume na política econômica atual proteger os ramos menos eficientes da produção de casa. Com especial referência à agricultura, isto é feito com aprovação geral. Estendendo-se porém à economia interna, como o resultado de padrões de vida incomparavelmente mais baixos esta proposição pode parecer tão utópica à maioria do povo que não precisa ser considerada aqui. Mas o problema da liberdade em relação aos diferentes sistemas de produção é de fato um dos exemplos mais claros do conflito eterno entre os desejos dos homens. O peso com o qual seu interesse material se manifesta pode não ser em todas as condições o mesmo.

AS PRODUÇÕES MAIS ELEAVADAS DEVERIAM TER SEMPRE PRIORIDADE?

Um grande aumento na produtividade do trabalho poderia mudar a atitude do homem. Mas o nível de produtividade e riqueza atingido pela nossa sociedade presente não nos permite desconsiderar as necessidades materiais e os meios de satisfazê-las. Os interesses materiais não satisfeitos pedem uma prioridade alta, não somente onde a pobreza é maior, mas mesmo em nossa sociedade. Realmente uma vida mais simples é possível, mas de fato um padrão de vida elevado é tão essencial para a vida ocidental como são a igualdade, liberdade e comunidade acerca dos quais tanto já foi dito.

Valorizamos a riqueza material porque provê a base para

uma vida boa. Mas o bem estar não pode ser apenas medido em termos de coisas materiais; depende também dos meios porque são distribuídos. Solidariedade com os companheiros pertence aos valores que deveriam ser respeitados na sociedade, e não podemos aceitar um sistema econômico que defenda desempregos periódicos e privações, por causa da expansão rápida da produção produzida por este sistema no seu percurso.

Uma vez que a produtividade é ainda tão baixa que a grande maioria do povo é impedida a gastar metade do seu período de vida no trabalho, o bem estar geral não pode ser medido somente pela qualidade da vida do povo fora das horas de trabalho. O grau em que o desejo pela liberdade, segurança e participação no controle e responsabilidade é satisfeito no trabalho — ou insatisfeito — é um fator vital na determinação do valor de um sistema econômico. O homem deseja a solidão bem como a associação; a chance de arriscar assim como ter segurança de direitos. E porque tudo isto pertence a uma vida digna e útil, sustentamos que num sistema econômico que suprime as inclinações mais nobres do homem e encoraja seus instintos baixos, o preço pago pela produtividade mais alta é muito elevado.

Ainda que considerando medidas adequadas para aumentar a produtividade na indústria devemos considerar suas vantagens e desvantagens. É um fato que na moderna sociedade a pressão para uma produção mais eficiente é tão forte que parece fútil resistir. Um retorno às técnicas mais simples do passado, às formas menos complexas de organização social, é rejeitado pelos socialistas como uma expressão de um utopismo romântico. Mas mesmo dentro do moderno sistema de produção e organização pode ser possível dar às pessoas uma tarefa maior no controle e descoberta de novos meios de tornar realidade a liberdade e a amizade entre os homens que está se perdendo ou enfraquecendo. Esta é na realidade a linha mestra da política socialista.

O SOCIALISMO TEM UM OBJETIVO FINAL?

Uma vez que se entenda que os ideais socialistas têm linhas diretoras, cá por terra o conceito utópico de planejar os moldes de uma sociedade de amanhã.

Mas não é verdade que a palavra "linha diretora" sugere que existe algum alvo que estas linhas devam atingir?

A questão é mais do que adequada. Na realidade, em todos os nossos esforços para conseguir uma sociedade melhor, somos tentados a proclamar idéias sobre as quais não estamos bem esclarecidos. Quão freqüentemente, por exemplo, ouvimos dos lábios de um participante numa discussão sobre democracia que certas instituições em uma determinada democracia discordam da sua idéia de democracia. Dirão a ele que isto é muito natural porque nossa democracia — que pode ter existido por muitos anos — é ainda imperfeita. Mas alcançará jamais a perfeição? Mesmo quando se admite que a democracia com-

(Continua na 7ª pág.)

(*) Capítulo do livro publicado pelo teórico do socialismo sueco, denominado "Linhas diretrizes e utopias".

PLURALIDADE SINDICAL

Projeto de resolução a ser apresentado à Convenção Nacional, pelo comp. João da Costa Pimenta, Secretário Sindical do P. S. B. em S. Paulo

O projeto de lei n.º 1.27-D-1948, referente à organização sindical no país, em tramitação no Congresso, já aprovado pela Câmara dos Deputados, diz no artigo 2.º: "Dentro do âmbito territorial não poderá haver mais de um sindicato da mesma profissão ou da mesma atividade econômica. Em caso contrário, o registro do segundo sindicato será cancelado, a pedido do primeiro". O Senado, porém, substituiu este dispositivo que estabelece a unidade sindical por outro que permite a pluralidade, nos seguintes termos: "Dentro do âmbito territorial, poderá haver mais de um sindicato da mesma profissão ou da mesma atividade econômica".

O referido projeto de lei, que se arrastou no Congresso durante 5 anos e foi aprovado na Câmara sob a indiferença geral, desferiu repentinamente, em relação aquela emenda, a oposição de certas camadas do movimento sindical, participantes, em diversos graus e por motivos vários, de sua burocracia, bem como do Ministério do Trabalho e de organismos patronais.

O Partido Socialista Brasileiro assume, diante desta emenda uma atitude conforme com o espírito democrático, claramente expresso em sua declaração de princípios e programa, considerando as condições necessárias à formação de uma efetiva unidade do movimento sindical e não as circunstâncias que, num dado momento já ultrapassado, inspiraram a elaboração do projeto de lei. Ao expor seu pensamento, que firmará suas diretrizes neste campo, faz preliminarmente as seguintes considerações:

1) O movimento sindical no Brasil, como nos demais países, surgiu lutando também contra os desrespeitos e violências aos seus direitos e à liberdade de associação. Jamais cogitou do problema do sindicato único ou múltiplo, por ser a liberdade de associação, para ele, condição inerente à sua própria existência. E foi nesse período de livre organização que, participando dos sindicatos em consequência da formação e consolidação de sua consciência de classe, chegaram os trabalhadores a uma unidade, não formal, mas efetiva, manifestada em movimentos e lutas, cuja profundeza e amplitude não foram até hoje reproduzidas.

2) O advento e desenvolvimento do regime totalitário, em diferentes países, organizado por diferentes grupos econômico-políticos, criaram e aperfeiçoaram um sistema de centralização e de controle das atividades sociais, entre as quais se inclui o movimento sindical. No Brasil, contra esta tarefa ao chamado "Estado Novo", que, através de órgãos administrativos especializados, criou todo um complexo sistema de controle do movimento operário, do qual faz parte o sindicato único, cuja perpetuação se pretende agora justificar, apresentando-o como fator básico da unidade sindical.

3) A emenda votada pelo Senado, quaisquer que sejam suas razões expressas ou ocultas, contribuirá para quebrar o controle estatal, ao mesmo tempo que possibilitará o restabelecimento de condições em que a unidade sindical será realizada pelos próprios trabalhadores, livremente organizados em sindicatos, federações e confederações, de acordo com consciência e interesses da classe, reventando, de vez, o arcabouço unitário em que as ideologias e métodos totalitários têm pretendido encerrar o proletariado. Contra esta emenda, levantam-se, por isso, quantos — embora partindo de diferentes posições — pretendem manter uma unidade sindical, que tem sido um instrumento eficaz para a consecução de seus fins nem sempre confessáveis.

Tendo em vista que sejam propiciadas condições para a realização de uma efetiva unidade sindical, baseada na consciência e livre vontade dos trabalhadores, o Partido Socialista Brasileiro resolve:

1) Apoiar a emenda ao projeto de lei, que permite a pluralidade sindical.

2) Com este propósito, difundir os princípios da liberdade sindical e demonstrar as vantagens da luta contra a ingerência e controle estatal ou partidário nos sindicatos.

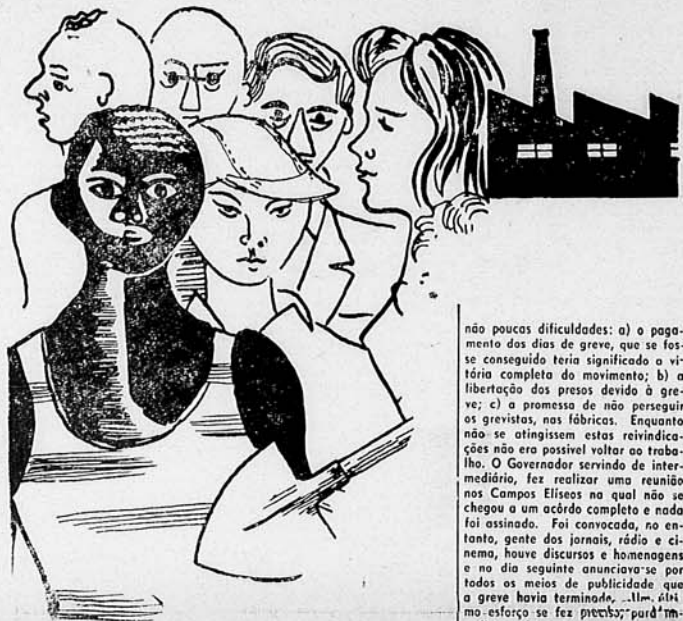
3) Propugnar no sentido de que seja alcançada a unidade sindical que constitua de fato a unificação dos trabalhadores, e não simples ajuntamentos circunstanciais e formais de grupos que monopolizam as direções sindicais, usufruem seus recursos e pretendem falar em nome de todo o proletariado.

PAGINA SINDICAL

Reportagem de Paulo Singer

A GREVE DOS METALÚRGICOS

(Continuação)



Fase final: não há interesse em dar aqui um relato detalhado das negociações havidas. Aberto o dissídio coletivo "ex-ofício", a primeira proposta de conciliação foi de 23% aceita pelos patrões mas rejeitada unanimemente pelos operários. Na segunda audiência, comprou-se o aumento do custo de vida de mais um mês, chegando-se a 32%. Era quase certo que, como as propostas anteriores, esta também seria apresentada às 4 categorias em greve. A 1.ª a receber-la, no entanto, foi a dos metalúrgicos, tendo sido aceita pelos patrões. A tendência por parte dos operários era favorável, mas havia o compromisso do pacto inter-sindical; cumpria portanto rejeitá-la, pelo menos até que as 4 categorias a tivessem recebido e todos se manifestassem em conjunto sobre ela. Neste ponto todos estavam de acordo. Mas os comunistas queriam que nem se votasse este assunto, temendo eventual aceitação, ao passo que os militantes independentes exigiram que a classe se manifestasse, pois se houvesse uma maioria favorável à proposta a greve não poderia continuar. Caso a proposta fosse rejeitada, a autoridade moral para manter e intensificar a greve seria redobrada. Após longa e barrocassa discussão, o caso, dominado pelo P.C. impediu a votação. Isso num sábado; no 2.º dia seguinte, iniciou-se a volta ao trabalho dos setores menos conscientes da classe, mais duro da greve.

A duração do movimento foi grande; a falta de dinheiro começou a atormentar os trabalhadores mais mal pagos. Longas filas se formavam nos centros de distribuição de gêneros e nas comissões de finanças os pedidos de auxílio se avaliavam. Os fundos dos sindicatos tinham sido congelados, pelo Min. do Trabalho. Diariamente chegavam

notícias de que tal ou qual fábrica tinha "entrado". Os piquetes se tornavam cada vez mais imprescindíveis, os adesões cada vez mais insignificantes. Os patrões se aproveitavam da situação, lançando uma ofensiva de promessas e ameaças. Foi neste momento que a organização se mostrou vital; foi quando mais se sentiram suas deficiências e melhor se pôde avaliar o valor da iniciativa militante e do esforço constante e ininterrupto dos melhores elementos do operariado.

Numa bela manhã, os 4 presidentes dos sindicatos tinham cumido; só à tarde subamos, pelos janelas, que tinham ido ao Rio, entrevistar-se com Vargas. Voltaram 2 dias depois e em festiva assembleia geral relataram o resultado da sua viagem: a promessa de estender o aumento de 32% a todos os dissídios coletivos, a substituição do delegado regional do trabalho (o que até hoje não foi cumprido, 2 meses e meio depois) e a designação do presidente da Comissão do Salário Mínimo de S. Paulo, segundo indicação dos sindicatos. Também foi prometido pelo Presidente da República, descongelar os fundos dos sindicatos, o que prontamente foi efetuado, depois que a greve terminou...

A GREVE DOS METALÚRGICOS

Logo após, houve a decisão dos 32%, tomada em votação secreta, da qual participaram cerca de 8.000 operários. A maioria a favor da aceitação foi de cerca de 90%. A votação foi completamente livre, sem interferências estranhas, sem pressões desleais, constituindo legítima expressão da vontade das classes em greve. Chegando desta forma a um acordo no que era fundamento, isto é, o montante do aumento, cumpria redigir o acordo final e encerrar a greve. Surgiram

não poucas dificuldades: a) o pagamento das diárias de greve, que se fosse conseguido teria significado a vitória completa do movimento; b) a libertação dos presos devido à greve; c) a promessa de não perseguir os grevistas, nas fábricas. Enquanto não se atingissem estas reivindicações não era possível voltar ao trabalho. O Governador servindo de intermediário, fez realizar uma reunião nos Campos Elíseos no qual não se chegou a um acordo completo e nada foi assinado. Foi convocada, no entanto, gente dos jornais, rádio e cinema, houve discursos e homenagens no dia seguinte anunciando-se por todos os meios de publicidade que a greve havia terminado. —Um, sim, no esforço se fez pressão; para impedir um fracasso que seria a volta ao trabalho sem nenhuma garantia, a não ser a sentença do dissídio coletivo. Intensificaram-se os piquetes, foi-se buscar os operários dentro dos locais de trabalho de volta à greve. Os patrões, aproveitando a confusão criada, recusavam-se a enviar delegados credenciados para assinar o acordo, esperando o esgotamento total do movimento. Tal não se deu; os trabalhadores deixaram os fábricas e em suficiente maioria mantiveram-se firmes até o final. Obrigou-se desta maneira o patronato a ceder, após o prolongamento inútil da paralização do trabalho por mais uma semana, que serviu no entanto de ensejo para uma demonstração de magnífica de força e combatividade da classe operária paulista. O acordo conseguido, embora apenas tenha satisfeito parcialmente as nossas reivindicações, não deixou de ser um êxito. Libertaram-se os presos grevistas, garantiu-se o aumento de 32% (com o compromisso de não apelar da sentença do TRT), prometeu-se não perseguir os grevistas. Os dias da greve não foram pagos, mas garantiram-se vales e pagamento das férias em dinheiro.

Conclusão: As greves de março-abril deste ano tiveram um duplo significado para a classe operária brasileira. Em 1.º lugar, a demonstração prática da eficiência da luta ativa pelo melhoramento das condições de vida, o que significa um largo passo no caminho da aquisição de consciência de classe. Em 2.º lugar, a conquista, pelo menos temporária do direito de greve, em S. Paulo e talvez no Brasil. Em suma criou-se um novo ambiente dentro da fábrica: operários de cabeça erguida, conscientes de sua força, dispostos a afrontar novas lutas com vigor e coragem. Trouxe uma grande batuta da luta de classes, de profundo conteúdo socialista, coroada com uma vitória proletária, que é preciso fazer justificar.

Torna-se cada vez mais difícil assegurar a importação de matérias primas e maquinaria devido ao déficit crescente da nossa balança comercial. Em 1952, o déficit foi de 30%, isto é, de cerca de 11 bilhões de cruzeiros. De um lado aumenta assustadoramente a sangria em divisas, devida à importação de combustíveis líquidos e trigo, sempre crescente. Em 1952, o aumento foi de 20% e 10% respectivamente e tende a crescer no mesmo ritmo. De outro lado, baixam as exportações, devido ao atraso da nossa economia agrária, cujos produtos não encontram escoamento no mercado mundial, em virtude do elevado custo de produção, consequência dos métodos primitivos de cultura. É o capítulo dos produtos grossos que já absorve a quase totalidade de nossa produção exportável. A crise agrária ainda tem outras consequências graves. O aumento da produção agrária não tem acompanhado o aumento de crescimento da população e, muito menos, o da especulação urbana. Seguem-se a escassez dos alimentos, seu encarecimento e a especulação. As comissões de preços, a COPAP e outros órgãos burocráticos nada de bom têm produzido nesse âmbito.

Essas calamidades ainda se vem juntar a precariedade e o desmantelamento dos nossos sistemas de transporte.

O caos se torna completo. A crise política, já crônica há muitos anos, se tornou mais aguda e mais grave. A eleição de Getúlio Vargas, com apoio da maioria esmagadora do proletariado e do povo, que nele viam, em 1950, o homem capaz de efetuar reformas de base, amplas e profundas, em benefício da população inaugurou um dos capítulos de maior inépcia administrativa de nossa história. Getúlio Vargas assumiu o governo sem plano definido e sem diretrizes claras e durante a primeira metade de seu quinquênio go-

vernou com um ministério de "experiência", apoiado na burguesia reacionária do P S D e nos aventureiros e demagogos do PTB, aos quais entregou o Ministério do Trabalho.

Um a um fracassaram todos os "planos" que visavam sanear a economia do país. Lafer e Jafet, em postos-chaves da administração, seguiam diretrizes opostas, sempre apoiados por Getúlio. A inflação não foi sustada, o custo da vida continuou em ascensão, a balança comercial permaneceu desequilibrada. A comissão Brasil-Estados Unidos deu por encerrada a sua atividade e os planos elaborados, na suposição de empréstimos externos de vulto, fracassaram. A liberação parcial do câmbio não deu os resultados previstos. A exportação não aumentou e ainda houve evasão substancial de capitais.

O processo de desagregação política se precipitou rapidamente. Os partidos governamentais — o PSD e o PTB — se degradavam abertamente, tanto no âmbito estadual como no federal. O PTB se revelava, cada vez mais, um conglomerado inerte, onde fervilhavam as dissensões, cisões, intrigas e desavenças pessoais. A disciplina e a unidade partidárias, já tão débeis nos partidos burgueses, desapareceram completamente.

Os mesmos males também atingiram os partidos oposicionistas; em primeiro lugar a UDN. Incapaz de uma oposição sistemática e construtiva, impotente para oferecer um programa positivo, colaborando discretamente por alguns de seus dirigentes com o governo de Vargas, a UDN não escapou ao processo de desagregação. Nessa legislação, mais do que nas outras, se verificou a frequente troca ou abandono da legenda partidária por parlamentares.

(Continuação de 1.ª pág.)

O PSP e o sr. Ademar de Barros tiveram a sua sorte selada nas eleições de 22 de Março, em São Paulo. Não representam mais uma força ponderável no cenário político nacional. O golpe que atingiu em cheio todos os partidos políticos burgueses tem maior significação no caso do sr. Ademar de Barros porque lhe tirou todas as possibilidades de explorar em seu benefício a atual situação.

A crise social se agravou paralelamente com a crise econômica e política. A desonestidade administrativa atingiu extremos até então desconhecidos. As negociações inscrupulosas se tornaram regra.

O aumento crescente do custo de vida e a escassez dos gêneros de primeira necessidade levaram ao desencanto e o desassossego ao seio das massas trabalhadoras. Os trabalhadores e o povo não se desorientaram. Lançaram-se em massa à luta por melhores salários. As greves se sucedem ininterruptamente. O governo de Vargas não ousa lançar mão da legislação do Estado-Novo, embora o direito de greve ainda não tenha sido regulamentado, contra a onda grevista. As duas campanhas eleitorais recentes, a de Pernambuco e a de São Paulo, atestaram o descrédito de Getúlio Vargas e de todos os partidos burgueses e o alto grau de amadurecimento político das massas populares.

A recente tentativa de Vargas de lançar mão de figuras da revolução de 30 — Osvaldo Aranha e José Américo — para a reforma ministerial está de antemão fadada ao fracasso. A crise é por demais profunda. Figuras e mitos do passado não poderão resolvê-la.

A SOLUÇÃO DA CRISE

A crise econômica, política e social que atravessamos não

tem solução nos quadros do atual regime. As medidas indispensáveis para a sua superação não podem deixar de ferir os privilégios das atuais classes dominantes e, mais ainda, os das cliques atualmente no poder. A vaga de corrupção e desonestidade não poderá ser estancada pelos próprios fatores — os atuais governantes. São raros os homens públicos e dirigentes dos partidos burgueses não comprometidos, diretamente ou indiretamente, nas negociações, chantagens e ladrocinhas dos últimos anos. Somente o proletariado e o povo, organizados em ampla Frente Democrática, dirigida pelo Partido Socialista e por homens honestos de outros partidos e partidários, poderão, através da conquista do poder político, pôr termo ao atual caos e estabelecer as premissas para a tarefa gigantesca do saneamento material e moral do país.

As massas já tomaram consciência da atual situação e das possibilidades de removê-la. Demonstraram-no com clareza nas eleições de Recife e S. Paulo. Tudo permite acreditar que o processo do amadurecimento político das massas continuará em ascensão e que nas eleições de 54 e 55 elas poderão galgar o poder em escala estadual e nacional.

Cabe ao Partido Socialista lançar-se à tarefa de organizar a Frente Democrática, de oposição nítida às atuais classes dirigentes e aos seus representantes no poder. A nossa conduta deve ser clara e firme. Não podemos seguir a linha suicida de alianças partidárias com partidos que apoiam o atual regime. A oposição deve ser dirigida não apenas contra os homens que estão no poder mas também e principalmente contra o sistema que representam. A época dos compromissos e tergiversações já passou. Os campos estão claramente definidos. As massas populares não têm mais confiança nos atuais dirigentes políticos e não se deixarão mais iludir por novas promessas e simulacros de reformas, na base de uma recomposição das forças políticas para apoiar o atual governo. As lutas nos próximos dois anos deverão ser pela conquista do poder político que deverá ser arrebatado pelo proletariado e pelo povo das mãos das atuais classes dirigentes e dos partidos políticos burgueses e demagógicos.

O programa da Frente Democrática não será um pro-

grama socialista. Será o programa da reforma agrária, da industrialização do país, da libertação da exploração imperialista e da moralização da administração pública em benefício do povo, consubstanciado no seguinte decálogo:

PROGRAMA

I) — Reforma agrária imediata, ampla e profunda, respeitando as particularidades regionais, com as seguintes características:

a) expropriação, mediante indenização, dos latifúndios;

b) entrega da terra a quem nela trabalha;

c) organização de cooperativas de produção agrícola, assegurando a entrega direta dos produtos aos centros consumidores, com eliminação dos atravessadores;

d) assistência técnica eficiente e permanente e crédito fácil e barato;

e) fornecimento de sementes e adubos pelos organismos oficiais;

II) — Nacionalização de todas as fontes básicas de energia (eletricidade, petróleo e carvão) e das indústrias que as exploram. Planejamento da utilização das fontes básicas de energia no sentido de permitir a industrialização do país através do fornecimento de energia abundante e barata.

III) — Recuperação e ampliação do sistema de transportes ferroviário, rodoviário, marítimo, fluvial e aéreo, visando assegurar transporte barato e eficiente para a produção agrária e industrial.

IV) — Planejamento do desenvolvimento industrial, nos setores básicos, com a participação do capital nacional e estrangeiro em condições de igualdade, impedindo a formação de monopólios e a evasão de capitais, mediante legislação adequada.

V) — Mobilização dos recursos necessários para a execução dos itens 1, 2 e 3 através de taxaço forte e progressiva dos rendimentos das pessoas físicas superiores a 500 mil cruzeiros anuais, da herança, da propriedade territorial e do capital.

VI) — Defesa intransigente das liberdades democráticas, assegurando plena liberdade de locomoção, de reunião, de associação e de manifestação da palavra falada, escrita e irradiada; destruição dos monopólios de imprensa e de rádio; abolição dos favores oficiais às empresas jornalísticas.

VII) — Liberdade e autonomia amplas dos sindicatos; direito de greve; revisão da legislação trabalhista no sen-

(Conclui na 7.ª pág.)

Posse do Diretório de Santo Amaro

Estão marcadas para o dia 9 de julho várias solenidades e atos públicos que deverão assinalar a posse do novo Diretório de Santo Amaro, do Partido Socialista.

As 19,45 horas terá lugar, à Avenida João Dias n.º 1.141, a inauguração da biblioteca socialista "Antonio Piccarolo". Trata-se de uma biblioteca doada por Da. Teresa Robba Piccarolo, viúva do professor Piccarolo, ao Partido Socialista Brasileiro, e que este franqueará ao público.

Em seguida, far-se-á, na sede do Diretório de Santo Amaro, à Avenida Adolfo Pinheiro n.º 35 (Largo da Matriz de Santo Amaro) a inauguração da sede local do Partido.

As 20,30 horas, terá lugar a sessão solene de posse do novo Diretório do Partido, no auditório do Ginásio e Escola Técnica 12 de Outubro, à Avenida Adolfo Pinheiro n.º 360. A essa sessão comparecerão os deputados e membros do Diretório Nacional e do Diretório Estadual do Partido Socialista Brasileiro.

SOCIALISMO DO NOSSO TEMPO

(Conclusão do 4.º pag.)

pleta e a justiça total nunca, na realidade, se tornará perfeita, conclui-se, freqüentemente, que elas podem ser definidas e consideradas como os nossos objetivos finais.

Infelizmente nossa discussão sobre problemas sociais é freqüentemente exposta em termos tão abstratos que se torna infrutífera. Na prática, procedemos de maneira muito diferente, e com melhores resultados. Consideramos uma dada situação e a julgamos — perguntamos, por exemplo, até que ponto é tal situação justa ou democrática. Se diferentes pessoas com opiniões comuns existem, elas usarão, evidentemente, o mesmo critério ao julgar o que é democrático ou justo em determinada situação. Se estas pessoas discordam, elas têm critério diferente. Mas em nenhum caso podemos concluir que a questão que versa sobre o que é justiça ou democracia faça sentido. Não relação entre as circunstâncias concretas, estes termos permanecem vagos.

A esta altura, o indivíduo prático com bom senso poderá perguntar: Porque usar tantas palavras para tratar de uma questão tão simples? Sem examinar a diferença entre a atitude do filósofo e aquela do homem prático que faz a sua filosofia sem ter consciência de fazê-lo, contemos-nos se ambos concordam em que os termos abstratos que usamos para definir nossa atitude para com a sociedade — igualdade, segurança, liberdade e amizade — não se transformam num sistema definido alcançado por meio de "uma luta sem fim". Devemos sublinhar, além disso, que os desejos e as lutas, que explicam a razão da existência destes termos, podem entrar em choque e assim demandar um ajustamento.

Mas se nossas linhas de ação não são caminhos claramente determinados em direção a um objetivo que se origina de idéias abstratas, qual é, então, o seu significado?

A palavra linha de ação não é talvez muito apropriada. Sugere algo mais do que se deseja. Preocupamo-nos com a necessidade de mudar a sociedade sob certos aspectos. Nossa linha de ação não distancia do estado de coisas presentes, em vez de conduzir-nos a um novo. É significativo que aqui, que une todas as escolas de pensamento socialista é a crítica da situação presente, a oposição contra o capitalismo de hoje mais do que um ponto de vista comum sobre as características da sociedade do futuro.

Os socialistas são contra a poluição, distinções de classes, desigualdade e lutas de competição. Eles compreendem a significação de bem-estar, igualdade, liberdade e amizade em casos concretos. Eles aspiram viver numa sociedade que possua tais valores em grau maior do que a sociedade de hoje. No presente sistema, certos grupos sociais gozam de privilégios legais, políticos ou econômicos que lhes permitem impor ao restante da comunidade condições de vida consideradas injustas.

Isto desperta o desejo de descobrir os obstáculos que impedem a mudança desejada pelos

socialistas, e a forma de eliminar tais barreiras torna-se então o alvo de ação socialista. Há outros marcos. Por exemplo, a sociedade passou por certas mudanças claramente determinadas no passado. Se elas são reconhecidas como boas pelos socialistas, em outras palavras, se uma igualdade maior de direitos ou padrão de vida resultou de tal mudança, os socialistas decidirão continuar com o seu curso de desenvolvimento.

Achamos que atrás dos diferentes pontos de vista socialistas há uma atitude comum no que se refere ao desenvolvimento social. Ela é julgada de acordo com o grau com que toma conhecimento dos valores reconhecidos pelos socialistas e isto permite orientar a linha de ação socialista.

Mas nenhuma destas linhas de ação deve avançar demasiadamente no futuro sem considerar o efeito da ação numa linha particular e comparando-a no que se refere a outras linhas. Dessa forma, medidas de igualdade não podem ser planejadas sem considerar primeiro os seus efeitos na eficiência industrial. A questão da liberdade surge quando a segurança social que existe num emprego para todos torna necessário introduzir uma direção de trabalho. A extensão da liberdade dos trabalhadores quando a eles é dado uma parcela do controle e responsabilidade econômicas podem, de várias formas, afetar a produção. As medidas em favor de realizações em grande escala e associações econômicas limitam a base de iniciativa livre e reduzem as oportunidades de anistia, que um sistema de produção baseado em unidades menores forneceria.

Todos estes objetivos são desejados, mas a possibilidade de um conflito entre eles está sempre presente. Somente quando conhecemos as circunstâncias exatas sob as quais tal conflito ocorre podemos medir os prós e os contras dos cursos alternados de ação, e decidir até que ponto, um ou outro objetivo — por exemplo, justiça social ou produtividade aumentada — deverão ter prioridade.

ATE' QUE PONTO PODEMOS PLANEJAR PARA O FUTURO?

Mas, pode-se perguntar, com o estabelecimento dos nossos objetivos não vamos cair no utopismo? Vamos fazer um resumo dos nossos argumentos.

Rejetamos o conceito de sociedade onde os nossos ideais são completamente realizados. Admitimos que as formas pelas quais os valores tais como justiça, igualdade e liberdade e amizade são conseguidos, são necessariamente influenciados por uma variedade de fatores sociais concretos, não desprezando o estado de desenvolvimento técnico numa determinada sociedade. Reconhecemos a futilidade de tentar desenharmos um quadro do futuro que não considera tais fatores que estão constantemente mudando. Na realidade, tal tentativa devia a atenção da tarefa verdadeira que deve, constantemente, aumentar o objetivo para a realização dos valores humanos na sociedade.

Não obstante isto tudo, não devemos entender que nós não necessitamos de uma definição de nossos objetivos. Antes de podermos discutir a política socialista e o seu valor para o indivíduo e a sociedade, nossa linha de ação em relação a tais pontos de vista deve apontar para certos objetivos; estes, entretanto, não devem estar colocados num futuro tão distante que nos impeça de vê-los no quadro geral dos efeitos e resultados de nossas ações.

As mudanças que a sociedade tem experimentado no passado — mudanças mais democráticas, se não socialistas — não foram conseguidas como o resultado de adaptações não viáveis e automáticas da vida social e política para um desenvolvimento técnico e psicológico. Na transformação gradual da sociedade que corresponde ao ponto de vista reformista os passos que foram dados não foram tão pequenos a ponto de não despertar oposição ou resistência. Ao contrário, eles despertaram muita oposição e o efeito sobre a vida dos indivíduos tem sido tal a ponto de reuni-los em oposição.

Para os nossos adversários tais mudanças parecem certamente revolucionárias ou perigosas, significam algo novo e radical. É verdade, que eles cedem quando compreendem a natureza de tais mudanças. Mas isto não significa que a democracia socialista possa contar com o consentimento de todos para atingir seus objetivos. Pode-se esperar, certamente, que algumas das coisas que assumam certos grupos hoje em dia possam mais tarde vir a ser compatíveis não só com o bem estar da comunidade mas com os interesses pessoais de muitos adversários.

O que é mais importante na formulação de nossos objetivos e que, sem serem rígidos ou muito distantes — eles se salientam como algo completamente diferente das condições de hoje; que eles parecem suficientemente viáveis para inspirar nossos correligionários a trabalhar por eles; e que eles não deixam dúvida do que sejam, de tal forma que nossos adversários os rejeitam quando se opõem ao socialismo.

Por uma solução...

(Conclusão do 6.º pag.)

lado de assegurar efetivamente os direitos dos trabalhadores, expurgá-los dos dispositivos totalitários e libertá-los da sujeição ao Ministério do Trabalho.

VIII) — Moralização severa da administração pública e racionalização da mesma; abolição dos privilégios contrários aos interesses da coletividade (participação em multas, cotas-partes etc.); luta contra a corrupção; inquéritos, visando apurar as responsabilidades nas negociações dos governos anteriores; confisco das fortunas adquiridas desonestamente ou

CAMPINAS

O Diretório Municipal de Campinas iniciou uma campanha popular de grande envergadura, no sentido de obter para os grevistas da Mogiana os benefícios da anistia. Os comp. de Campinas programaram uma série de comícios de bairro e um comício central, com a finalidade de obter apoio dos operários e do povo de Campinas à causa dos ferroviários da Mogiana injustamente despedidos, na base da legislação do Estado-Novo que considerava as greves legítimas do proletariado para obtenção de aumento de salários crime punível por lei.

Preendem ainda os socialistas de Campinas colher mi-

lhares de assinaturas para o memorial pedindo anistia aos grevistas da Mogiana.

O diretório de Campinas dirigiu, por intermédio da Comissão Executiva Estadual uma carta ao comp. João Mangabeira, afim de que o mesmo atenda à solicitação dos grevistas e faça a sua defesa oral em juízo.

O Diretório Municipal de Campinas lança por intermédio da C. E. um apêlo a todas as comissões municipais do Partido no Estado, para que os mesmos secundem a campanha de anistia aos grevistas, lançando movimentos análogos em suas localidades

A eleição geral no Japão

(Conclusão da 8.ª pag.)

ganho a expensas dos Progressistas, um partido do centro que, ao que se presume, terá o destino do Partido Liberal Inglês.

Os partidos Socialistas, especialmente a Ala esquerda, deram um grande passo na recente eleição. O governo deverá enfrentar uma oposição Socialista mais vigorosa no novo Dieta. Os trabalhadores sentiram sua força renovada e o Sohyo (Conselho Geral dos Sindicatos) agirá como sua ponta de lança. Durante a campanha eleitoral, o Sohyo, que é o maior movimento sindical nacional no Japão, cooperou com a Ala esquerda Social Democrata.

De maneira geral o povo japonês é decididamente contra o rearmamento. O fato de que alguns jornais acentuam que a Ala esquerda Socialista defende a neutralidade é contra o rearmamento, contribuiu muito para o seu sucesso eleitoral. O "Nippon Times" escreveu a 21 de abril:

"O progresso nido da Ala esquerda Socialista indica a consolidação da opinião pública contra o rearmamento. Os Progressistas e Hatayamitas de outro lado, que defenderam o rearmamento, perderam 16 cadeiras — precisamente a maioria dos cadeiras ganha pela Ala esquerda Socialista".

As probabilidades são de que teremos um quinto de Liberais no go-

verno. Desde que os Liberais necessitam de apoio decidido dos Conservadores para formar um governo estável, a situação política levará algum tempo a se esclarecer.

Eu gostaria de me referir a uma declaração feita pelo Presidente do nosso Partido, Mossab Suzuki, durante a campanha eleitoral. Considerando a questão de um governo Socialista das duas alas, ele disse:

"O Partido Conservador pode decidir sobre a composição de um governo pela discussão entre alguns dos seus líderes, sem consulta aos seus membros. Mas no caso do Partido Socialista, só a Convenção, como órgão supremo do Partido, pode tomar tal decisão. Antes que dois partidos socialistas possam formar um governo conjunto, devem estar preparados para desenvolver uma campanha eleitoral conjunta baseada num programa comum e cooperar nas atividades diárias. Além disso, tal governo deve apoiar-se em organização de massa, representando trabalhadores, camponeses, pequenos e médios.

Suzuki estabeleceu os seguintes pontos que, segundo seu ponto de vista, deveriam ser adotados como base para um programa comum de governo Socialista:

- 1 — Renúncia ao Tratado de Segurança entre o Japão e os E.E.U.U. e dos acordos administrativos.
 - 2 — Oposição ao rearmamento japonês, se executado sob a denominação de Reservas de Polícia ou Corpos de Segurança.
 - 3 — Defesa da Constituição democrática "Pace".
 - 4 — Apêlo à posição de neutralidade independente em todos os conflitos entre os E.E.U.U. e a U. R. S. S. e relações diplomáticas pacíficas com todos os nações.
 - 5 — Convocação de um Conselho Econômico Asiático composto de todos os países da Ásia, inclusive a China Continental.
 - 6 — Terminação da guerra na Coreia e restauração de uma economia japonesa normal, isto é, estabelecimento de relações comerciais multilaterais e fim da dependência econômica do Japão de tropas estabelecidas no País.
- É provável que uma Convenção especial se realize num futuro próximo para definir a atitude do Partido em relação à atual situação.

O CASAL ROSEMBERG E A SUBLEVAÇÃO DE BERLIM

Edie Augusto da Silva

Willy Goettling foi sumariamente executado, sob a acusação de "ter provocado desordens", na Alemanha comunista, e seu corpo sonogado ao enterro oficial. Sete operários mais foram fuzilados, também sumariamente, segundo reconheceram as próprias autoridades comunistas. Mais de trinta pessoas pereceram, ainda, na matança verificada quando as tropas polonesas abriram fogo sobre os trabalhadores após a manifestação anti-comunista que se realizou em Leipzig, com a participação de sessenta mil trabalhadores. Diante da "debilidade" das tropas soviéticas de ocupação e temendo os russos a traição dos próprios comunistas alemães, lançaram sobre os operários as tropas polonesas com tanques, automóveis blindados, peças de artilharia, uma verdadeira divisão de 12 mil homens.

Today, tudo isso não mereceu as honras dos manchetes dos jornais — nem os comentários dos humanistas de boqueteim.

Porque essas manifestações gigantescas de mais de 100.000 trabalhadores, varridas das ruas da Berlim comunista pelo fogo intenso dos soldados soviéticos e poloneses? Porque essa verdadeira insurreição contra a ditadura vermelha — a primeira manifestação pública de repúdio, pela classe operária, do regime de "exploração do homem por alguns homens" ali instituído pelos comunistas?

Porque exigiu-se "a elevação das normas de trabalho em dez por cento" aos operários alemães. Esboçando-se os primeiros momentos de protesto, os próprios comunistas tomaram a iniciativa da onda, fizeram suas famosas auto-críticas, "reconheceram" a exorbitância da impositão e anularam o protesto, infiltrados na massa. Exigiram, porém, as autoridades, que os operários tivessem "voluntariamente" suas normas de produção, para darem "um passo importante no caminho que conduz a uma vida melhor". Os operários responderam que não eram escravos e correram com os agentes comunistas ("provocadores", é o termo, segundo a própria nomenclatura comunista) a socos e pauladas; queimaram as bandeiras vermelhas contendo "slogans" comunistas e os retratos de Stalin; esmurramaram militantes comunistas. Ai, então, entrou a polícia, como em qualquer país

capitalista, e "vorreu a área" sob intensa barragem de fogo.

Willy Goettling e outros operários germânicos foram fuzilados sumariamente. Não por terem entregue segredos vitais ao inimigo, nem pelo crime de espionagem. Mas, porque protestaram contra a dureza do regime que deseja conquistar o mundo à custa do sacrifício dos operários "libertados" pelo exército soviético. Calam-se os baterias das esquadras. Não surgem agentes incoerentes, nem os inocentes úteis, para comentarem o caso com expressões repassadas de dó e incompreensão.

O casal Rosenberg foi executado depois de um julgamento regular. Todos os direitos lhes foram assegurados. Foram julgados por magistrados e não pelos cobras de uma divisão do exército. Seus apelos foram considerados. Manifestações de massa foram permitidas.

Em Berlim, no setor oriental, não existem comitês de protesto contra a execução de Willy Goettling. O operário só explode sob o jugo brutal da exploração a que está submetido. Movimentos de protestos não podem ser feitos. Os de clemência, seriam uma ficção, uma vez que os operários só fuzilados sumariamente. Os de protesto serviriam apenas para engrassar os contingentes dos campos de concentração e fuzilamento.

Representando embora, sempre uma violência a execução de séres humanos, o morte dos Rosenberg e dos operários germânicos oferece um paralelo doloroso, contrastador. As deduções estão implícitas na comparação que, se não visam à defesa da pena de morte num país capitalista, responsabilizam perante a opinião pública mundial um regime muito mais violento.

Vale lembrar uma frase que sobressai no famoso livro do Deão "Vermeilho" de Catherbury, como símbolo da força de uma ditadura: "No Rússia não há espíes; eles os fuzilam..." Fuzilam-nos todos os dias, a espíes e não espíes, criminosos e inocentes, sobretudo inocentes, por detrás do cortino de ferro — e nada se diz, nem se faz no mundo ocidental, pelo menos com as dimensões que adquire a execução legal de um par de espíes responsáveis pela aliança e saída com que a URSS trava, no mundo de hoje, as questões tendentes à paz.

ZONA ARARAQUARENSE

O delegado regional do Partido na zona araraquarense, comp. Cicero A. Toledo Vale, iniciou as atividades visando organizar o Partido socialista na referida zona.

Organizou em Catanduva um Diretório provisório, formado pelos comp. Cervantes Angulo, presidente; Cicero A. de Toledo Vale, secretário geral; Welson Vieira de Nascimento, tesoureiro.

Nomou o comp. Gabriel Cury delegado em S. José do Rio Preto.

Em Catanduva, o Diretório provisório organizou um programa de divulgação partidária, denominado "A Voz do Proletariado", através da Rádio Difusora de Catanduva, ZYD-5.

Já está em pleno funcionamento o serviço de Assistência Social, com os departamentos médico-cirúrgico e jurídico, sob a direção dos drs. Cervantes Angulo e Cicero de Toledo Vale, respectivamente.

O delegado regional ainda lançou um manifesto do Partido à região e iniciou os trabalhos de divulgação de "Folha Socialista".

A TERRA O GRANDE PROBLEMA

No Congresso que as chamadas "classes produtoras" vêm e realizar em S. Paulo hoje duas notas marcantes: a primeira foi o tom de crítica aberta e pesada à incapacidade do Governo Federal, ante os problemas econômicos mais prementes do país. A segunda foi a demonstração de que as classes capitalistas brasileiras estão tomando conhecimento claramente de que sem a solução do problema da terra no Brasil, nosso país dificilmente sairá da tremenda crise econômica em que se debate.

O fato de não ter havido, até agora, uma política agrária do Governo Federal, nem haverem as classes dominantes brasileiras se preocupado ativamente com o problema, é um dos sintomas mais expressivos da incapacidade de um e de outros. É uma verdade que entra pelos olhos a de que sem resolver o problema da terra, de forma planejada e dentro de uma orientação moderna, não teremos nunca real desenvolvimento econômico nem riqueza nacional, mesmo sob o aspecto capitalista. Dizer que sem mercado interno sólido, isto é, sem a elevação e estabilização do padrão de vida da massa rural, que constitui o grosso da população, não teremos base para o desenvolvimento de nossas riquezas, já é um lugar comum que dispensa demonstração.

A terra, no Brasil, encerra possibilidades imensas de desenvolvimento econômico. A maior parte do território brasileiro ainda é constituído de terras devolutas, cobertas de florestas virgens. O restante das terras, em grande parte é



A eleição geral no Japão

Fusao Yamaguchi

Secretário do Comitê das Negociações Estrangeiras do Partido Social Democrata do Japão (A ala esquerda).

Os resultados da eleição geral no Japão, realizada a 10 de abril, foram os seguintes:

	Numero-de votos	% da votação total	Cadeiras ganhas	Cadeiras no Dieta Anterior
Liberais	13.484.239	39,0	199	206
Progressistas	6.186.282	17,7	76	888
Liberais Hatayama	3.054.999	8,8	35	39
Ala esquerda Socialista	4.506.469	13,0	72	56
Ala direita socialista	4.679.687	13,5	66	60
Camponeses-labouristas	358.773	1,0	5	4
Comunistas	655.787	1,7	1	0
Comunistas minoritários	175.571	0,5	1	10
Independentes	1.500.059	4,4	11	3
Total:	34.602.051	100,0	466	466

74,2% do eleitorado compareceram às urnas.

Como a eleição revelou, a maioria do povo japonês ainda é conservadora. Os Liberais, Progressistas e Hatayamitas (que se desligaram do Partido Liberal), ganharam em conjunto 310 cadeiras. Não obstante, a maior parte dos Independentes de-

ve ser considerada como Conservadores, o que significa que 70% dos eleitores apoiaram as hostes conservadoras.

Houve um aumento na polarização das forças políticas, com os conservadores em um polo e os socialistas noutro, os últimos tendo (Continua no 7.º pag.)

O Diretório de Santo Amaro

Realizou-se à Av. Adolfo Pinihero, 35, sede do P. S. B., a assembleia dos socialistas de Santo Amaro, convocada para eleger o novo Diretório, que ficou assim constituído: Presidente, Oswaldo Melantoni; Secretário Geral, Samuel Alves de Melo; 1.º Secretário, Milton Ferreira da Rocha; Secretário de Finanças, Adolfo Fortini; Tesoureiro, William A. de Melo; Secretário de Organização, Manoel Pascoal Saraiva; Secretário de Propaganda, Enéas Fragnani; Secretário de Arregimentação, Cesário Melantoni; Secretário Sindical, Helmut Metz; Secretário de Educação, Marcelo de Faria Alvim; Secretário de Assistência Social, Clodomiro Guilherme Santos.

Ficou deliberada a participação do Partido Socialista de Santo Amaro nas homenagens à memória do Prof. Antonio Piccarolo, que serão prestadas pelos intelectuais, amigos e admiradores e pelas Faculdades de Filosofia e de Sociologia e Política.

Foram ainda discutidos os temas constantes da ordem do dia da Convenção Nacional do Partido Socialista, a realizar-se nos dias 9, 10, 11 e 12 de julho próximo, tendo sido designado para defender as resoluções dos Socialistas de Santo Amaro o delegado à Convenção Nacional Oswaldo Melantoni.

Estiveram presentes a essa assembleia vereadores e o prefeito Bentor Domingues, de Itapeperica da Serra, tendo mostrado grandes conhecimentos dos problemas pertinentes à zona Santo Amaro-Itapeperica.

constituído de latifúndios improdutivos ou de glebas mal aproveitadas. Na proximidade dos grandes centros urbanos, a terra é objeto de especulação desenfreada, em vez de servir como elementos propulsor do desenvolvimento econômico. No entanto, o governo, o Parlamento e as classes dominantes permanecem inertes diante desse problema gritante.

Agora que a crise econômica se desencadeia furiosa, a burguesia parece arcar e pretende encerrar o problema: é preciso acabar com a especulação da terra, é preciso difundir a pequena propriedade, eliminar os latifúndios improdutivos, etc. Mas as soluções serão tímidos ensaios e ficarão no papel. Porque as verdadeiras soluções, que o problema da terra está a exigir no Brasil, não poderão ser dadas dentro do sistema capitalista nem orientadas pelas nossas chamadas "classes produtoras" e pelos governos que as representam, cuja incapacidade política já está mais que demonstrada.

A solução do problema da terra — que representa a base do desenvolvimento industrial e consequente enriquecimento do país — só poderá ser encontrada em reformas radicais de profundidade, que exigem alteração da própria constituição da República. A reforma agrária terá de ser orientada no sentido socialista, de eliminação gradual da propriedade privada do solo — este solo que ninguém fabricou, que a natureza deu aos homens para que dele arrancassem riquezas e bem estar. A terra só deve ser ocupada por aqueles que podem e querem utilizá-la na

produção de riqueza social. Para eliminar a especulação é preciso mexer no "sagrado" estatuto da propriedade privada.

Eis porque não acreditamos na possibilidade de qualquer solução real para o grande problema da terra no Brasil, sem uma verdadeira revolução política.

MOGI DAS CRUZES

Foi eleito, em Assembleia Geral, realizada em 28-5-53, o novo Diretório de Mogi das Cruzes. A assembleia foi presidida pelo comp. João Rodrigues Leite e secretariada pelo comp. Ezequiel Moreira Leite. O relatório das atividades do Diretório que terminava o mandato foi aprovado por unanimidade.

O novo Diretório eleito é constituído pelos comp. Plácido Campolino, Presidente; Maurílio de Souza Leite Filho, secretário; Platão Chaves de Almeida, tesoureiro; Dr. Luiz Pires, João Rodrigues Leite, Plácido Moraes, Alcides Pinhal, Henrique Peres, Benedito Arantes, Pedro Flaviano de Carvalho, Milton Nascimento Siqueira, Alfredo José Nahum, Dr. Waldir Paiva de Oliveira Freitas, Pedro Campolino, Waldomiro Nogueira, Salve Otavio Scripa, Francisco Wlemisck e Sebastião Miranda.